

---

## **Movimento Cordel Sem Machismo: as transformações do cordel no ambiente das redes sociais online<sup>1</sup>**

Maria Gislene Carvalho FONSECA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG  
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta elementos iniciais de uma investigação em torno das transformações no universo do cordel a partir da utilização das redes sociais digitais, mais especificamente o Instagram, como espaço de visibilidade para o movimento Cordel Sem Machismo e para a produção poética de mulheres. Realizamos, para isso, um breve levantamento histórico em torno das materialidades convocadas pela poesia de Cordel e das relações dessa produção com as questões de gênero. Para tanto, embasamo-nos nos estudos de Santos (2020) e Lemaire (2017, 2018) e construímos nossa abordagem metodológica a partir das propostas feministas decoloniais de Lugones (2019) e Curiel (2020).

**PALAVRAS-CHAVE:** Cordel, Gênero, Cordel sem Machismo, Materialidades, Instagram.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo traz uma reflexão inicial sobre como o movimento #cordelsemmachismo proporciona transformações práticas, conceituais e mercadológicas no cordel, a partir da realização de ações políticas e da realização de eventos que geram visibilidade para as mulheres poetas e para seus trabalhos na rede social Instagram. Esta reflexão parte de entrevistas semiestruturadas com as poetas Julie Oliveira e Izabel Nascimento, que impulsionam as ações do movimento.

Partimos, então, do entendimento de que as práticas sociais contemporâneas encontram-se em um constante processo de digitalização, algoritmização e publicação online. O trabalho se vê diante da chamada “uberização”<sup>3</sup>, que conduz a uma precarização das condições laborais e as relações econômicas e de poder são potencializadas, acirrando

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Realizando estágio de Pós-doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Comunicação Social (UFMG), mestra em Estudos da Mídia (UFRN). Email: [mgisacarvalho@gmail.com](mailto:mgisacarvalho@gmail.com)

<sup>3</sup> Entendida como “um modo particular de acumulação capitalista, ao produzir uma nova forma de mediação da subsunção do trabalhador, o qual assume a responsabilidade pelos principais meios de produção da atividade produtiva.” (FRANCO e FERRAZ, 2019, p. 846)

---

disputas e modos de exploração conduzidos por grandes empresas de alcance global. “*Asumiremos que los GAFA (Google, Apple, Facebook y Amazon), al reformatear el poder económico-político, redefinen el sentido social: los hábitos, el significado del trabajo, el consumo, la comunicación y el aislamiento de las personas.*” (CANCLINI, 2019, p. 15)

O Estado brasileiro tem grande parcela de responsabilidade nisso quando, por exemplo, afrouxa as regulamentações trabalhistas. As consequências também se manifestam no âmbito das atividades culturais. Com cada vez menos financiamentos e editais públicos, artistas e produtores culturais precisam criar estratégias de visibilidade e de sustentabilidade para seus trabalhos. São ações, muitas vezes, independentes, que alcançam em financiamentos coletivos as possibilidades de sua existência pública. Outras vezes, decorrem dos poucos editais de gestores públicos da cultura e/ou encontram espaços em universidades e instituições de ensino.

Podemos perceber isso nas atividades de poetas de cordel. Em tempos de isolamento social (modo possível de evitar a transmissão da Covid-19), as redes sociais online foram tomadas por inúmeras apresentações artísticas, dentre elas, as *lives* de cordel. Entrevistas, rodas de conversa, declamações, podcasts, oficinas... São formas de existência e resistência nesse cenário que exige criatividade para que uma transmissão sobressaia dentre as tantas que tomam os dias. É, também, nesse contexto, que as mulheres poetas mais uma vez mobilizam-se politicamente e conduzem a vanguarda das transformações que permitem inserir as manifestações tradicionais nesse ambiente tecnológico e conectado.

## **A PRODUÇÃO DO CORDEL POR MULHERES**

Além de criarem espaços para a visibilidade de suas produções, as mulheres poetas têm se organizado politicamente para reagirem a um apagamento histórico de suas contribuições para a poesia de cordel. Elas se reúnem em grupos e associações, mas também informalmente, pensando produtos, eventos e ações políticas de mobilização. Essas estratégias têm encontrado nas redes sociais online um espaço para sua existência, divulgação e convocação de novas adesões à causa de um cordel menos excludente. Tais ações ocorrem em meio a outros movimentos:

---

A partir de uma proposta exaustiva de preservação do cordel, corre-se justamente o risco de levá-lo ao fim. Caso o cordel se torne anacrônico e perca seu valor de uso social, então, ele não terá mais motivo para existir. E é por caminhos das discussões de gênero no cordel que eu vejo uma possibilidade de fratura mais evidente: essa que os poetas tradicionalistas e os que se pregam progressistas tentam apagar. Porque é a produção das mulheres que vem questionando e oferecendo condições de continuidade, não pelas vias de suporte ou de formato, mas pela dimensão política de resistência que o cordel oferece. (FONSECA, 2019, p. 209)

Historicamente, há um apagamento das vozes e das histórias das mulheres no universo da poesia de cordel. Seja pela necessidade de mulheres assumirem os nomes de seus maridos, como foi o caso de Maria Batista das Neves Pimentel (Altino Alagoano) nos anos 1930 para conseguirem publicar e, assim, serem apagadas da historiografia oficial<sup>4</sup>; seja pela invisibilização das lutas e das produções das mulheres que não são convidadas para eventos ou para suas organizações; seja com a construção de estereótipos de mulheres associadas ao pecado, à fragilidade ou à loucura como personagem dos folhetos.

No Nordeste do Brasil, território de grande recorrência à literatura de cordel, esta é sempre identificada com as vozes masculinas, isso porque ligada aos condicionamentos culturais, essa poética foi durante longo período espacializada pela voz masculina em decorrência de estruturas antropológicas profundas que perpassam por uma cultura marcada pelo patriarcalismo transformando os homens como os guardiões dos códigos tradicionais de poder. Concomitantemente, as produções femininas nas poéticas populares alinham-se à história das mulheres do Brasil. O seu trajeto social testemunha o silenciamento e/ou o ensurdecimento “imposto” a todas as mulheres em determinado tempo histórico, independente de classe social, econômica e étnica. (MELLO, 2020, p. 7 [No Prelo])

Não é incomum encontrarmos trabalhos que justificam a ausência de menção à produção das mulheres por serem elas inexistentes ou escassas – o que não é verdade. A professora e poeta cordelista Fanka Santos realizou um levantamento sobre mulheres autoras de cordéis, cujo resultado, o Livro Delas, está em vias de publicação. Ela catalogou mais de 300 mulheres cordelistas, a partir dos títulos encontrados. Fora as que não tiveram um registro documental que pudesse ser acessado mais adiante, como é o caso das poetas cantadoras, e ainda assim 66 constam no trabalho.

Ao longo desses 20 anos de investigação sobre o tema, construí as bases para uma nova historiografia para o campo do cordel, pois, se a história convencional ensina que as mulheres não atuavam nesse campo, esse percurso da pesquisa mostra justamente o contrário: as mulheres sempre existiram como produtoras de uma

---

<sup>4</sup> A antologia do cordel produzida em 1974 pela Fundação Casa de Rui Barbosa, até hoje tratada como uma referência na catalogação e estudos do cordel brasileiro, não menciona a produção de Maria das Neves.

---

poética da voz e quando emergiu o sistema editorial do folheto, elas também publicaram, mesmo com pseudônimo masculino. (SANTOS, 2019, p. 7) [No Prelo]

Deste modo, Santos (2020) embasa algumas das ações do movimento Cordel sem Machismo, como a publicação de cerca de 100 poetas de cordel declarando em suas redes sociais que “somos muitas”. “As mulheres sempre existiram como produtoras de uma poética da voz e quando emergiu o sistema editorial do folheto, elas também publicaram, mesmo com pseudônimo masculino.” (SANTOS, 2020, p. 11) Este movimento é muito importante porque não apenas contabiliza as mulheres poetas, mas também atribui-lhes imagem e visibilidade.

## O MOVIMENTO CORDEL SEM MACHISMO

Grupos de mulheres poetas como a Rede Mnemosine, os coletivos Cordel de Mulher, Cordel de Peito, Cordel de Salto, Ser Tão Mulher, organizações como a Casa do Cordel Mulheres Cordelistas, Teodoras do Cordel, a curadoria de acervos como Altino Alagoano e da cordelteca Maria das Neves Baptista Pimentel estão engajados majoritariamente em ações independentes e que têm as redes sociais como espaço de circulação de suas reivindicações.

Sobre os movimentos que encontram espaço na Internet, Canclini (2019) aponta que as redes prometem gerar horizontalidade e participação, ainda que costumem gerar movimentos intensos e de curta duração, o que podemos observar em manifestações como o recente movimento #cordelsemmachismo. “*La descuidadización se radicaliza, mientras algunos sectores se reinventan y ganan batallas parciales: por los derechos humanos, por la equidad de género, contra la destrucción ecológica etc.*” (CANCLINI, 2019, p. 10) Esse movimento começou reunindo cerca de 30 coletivos do universo do cordel, do mercado editorial, de organizações feministas e acadêmicas como forma de reagir à violência sofrida pela poeta Izabel Nascimento em suas redes sociais e nos eventos online dos quais tem participado.

O movimento #cordelsemmachismo vem acionando mulheres poetas a manifestarem-se online contra situações de opressão no universo do cordel em diversas ações que incluem uma nota de repúdio, postagens coletivas de suas imagens colocando-se a favor do movimento, divulgação na imprensa e produção de material didático sobre a violência de gênero no cordel, rodas de conversa online para discutir essas questões e a

---

criação de um grupo de estudos (Estante Feminista) para refletir sobre as mulheres no cordel.

Nesses termos, mais do que uma mudança epistemológica no entendimento do cordel como um fenômeno cultural fluido, que se modifica constantemente, o movimento #cordelsemmachismo evidencia as brechas, os poros e as feridas abertas no cordel. O movimento deixa ver as contradições internas, nomeia e materializa-as, desestabiliza e desconstrói para reconstruir.

Movimentos como este mobilizam reflexões em torno do consumo de bens simbólicos, a partir de transformações nos mercados culturais em suas dimensões sociais e políticas, além da econômica. Isso tem implicações não apenas nas relações pessoais entre poetas, mas também no tipo de conteúdo que é produzido e consumido a partir de sua circulação online e da atenção dada às questões de gênero mobilizadas no movimento.

O alcance possibilitado pelas redes sociais digitais é fundamental para que se consiga adesões ao movimento e que, a partir disso, seja possível identificarmos transformações – ainda que lentas, mas progressivas e importantes. Segundo Canclini (1997), “só a multiplicação de atores pode favorecer o desenvolvimento cultural democrático e a representação de múltiplas identidades” (CANCLINI, 1997, p. 218) Deste modo, os movimentos são direcionados à pluralidade das vozes de cordelistas e repercutem nas relações entre as poetas e seus públicos, nos conteúdos produzidos e consequentemente nos cordéis que passarão a ser vendidos – e com as redes sociais como importantes aliadas para sua visibilidade e divulgação.

Por isso, os usos das tecnologias digitais *online* no cordel não são apenas referentes a dispositivos. Como materialidades comunicacionais, há uma dimensão estética na apropriação de suportes e conexões. Alteram-se as relações corporais e afetivas que se fazem presentes nesses processos, cujos sentidos não são exclusivos dos textos, mas de todos os elementos envolvidos nessa performance poética e política em migração.

Deste modo, compreender as transformações do cordel a partir de suas materialidades possíveis é fundamental para considerarmos suas diferentes formas, que não ficam restritas ao folheto e nos permite reescrever sua história, registrando formas e realizações no tempo presente. Rompemos assim com uma ideia universalizante e inferiorizada da produção do cordel que, de uma forma romantizada, costuma responder a um ideal engessado e estático, representação comum de entendimentos folcloristas. E as ações das mulheres poetas são fundamentais para essa compreensão.

## **PENSANDO O CORDEL A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA FEMINISTA DECOLONIAL**

Olhar para os fenômenos no momento em que eles acontecem, com suas transformações constantes e contemporâneas à realização do estudo em questão é um grande desafio metodológico. Neste estudo, acompanhamos as produções de mulheres cordelistas nas redes sociais, mais especificamente daquilo que encontramos no Instagram<sup>5</sup>, buscando compreender como esses usos reverberam nas suas práticas poéticas, constituindo o que hoje se entende como cordel.

Posicionamo-nos contra o apagamento histórico das vozes e das histórias das mulheres no universo da poesia de cordel. Reconhecendo meu papel de mulher cearense como pesquisadora dessa forma poética em suas dimensões comunicacionais, observo, a partir de minhas relações afetivas, as construções de temporalidades que se articulam como movimentos políticos pelas narrativas das mulheres em seus cordéis, e também em sua organização política na busca pelas transformações desse universo.

Deste modo, para pensar o cordel, Santos (2020) nos oferece:

este novo paradigma científico que desconstrói e subverte o paradigma vigente e me obrigou a fundar e legitimar cientificamente novas atitudes, práticas, métodos de pesquisa, teorias e pressupostos capazes de fornecer as bases sólidas para a existência daquelas que não existiam ainda nos estudos de Letras, reunidas neste *Livro Delas*. (SANTOS, 2020, p. 13) [Grifo da autora]

Deparamo-nos com a importante atividade da pesquisa que é a de questionar, de não nos conformarmos com estabilidades e respostas prontas. Histórias definidas e apaziguadas tendem a esconder as disputas que as constituem – como, por exemplo, quando tomamos os acervos e documentos como instrumentos de investigação que apresentam dados inquestionáveis, quando a própria organização desses acervos e arquivos dizem de recortes, de escolhas institucionalizadas, de uma perspectiva possível. Aquilo que não é registrado, escrito, guardado também comporta elementos de disputas historiográficas – ainda que isso não seja facilmente acessível às pesquisas.

Como uma investigação que visa contribuir para uma reescrita da história do cordel – tradicionalmente narrada por homens dos estudos literários ou que almejem ser

---

<sup>5</sup> Considerando que o Instagram é uma plataforma possível para a disponibilização do conteúdo, mas que não necessariamente seja a única. Os conteúdos postados nessa rede têm a possibilidade de serem compartilhadas em outras, como o Facebook e o Twitter.

reconhecidos por eles, partimos de um posicionamento epistemológico feminista e decolonial. Segundo Curiel (2020), as metodologias decoloniais nos “oferecem um pensamento crítico para entendermos a especificidade histórica e política de nossas sociedades, (...)questionam narrativas da historiografia oficial e mostram como se configuram hierarquias sociais.” (p. 121). A autora explica que para pensar a partir de pressupostos decoloniais, é necessário observar movimentos que questionam o que Quijano (2000) considera como colonialidades do saber, do ser e do poder.

Entretanto, Curiel (2020) aponta que, em uma perspectiva feminista decolonial a partir de Lugones (2019), as colonialidades não são definidas apenas por operadores raciais, mas também por dimensões de gênero e de sexualidade. A configuração de gênero e o binarismo que a acompanha seria também uma categoria moderna e colonial.

Nestes termos, observamos o que nos sugere Hill Collins (2019) como uma teoria do ponto de vista para a realização desta análise, ou seja, é necessário considerarmos as experiências individuais das poetisas, observando as narrativas que elas mesmas constroem sobre si e sobre suas trajetórias.

Nesse sentido, é que a autora recupera o debate sobre a teoria do ponto de vista, destacando não só o fato de que todo conhecimento é posicionado, mas, principalmente, que o lugar subalternizado ocupado pelas mulheres negras nas estruturas desiguais de poder, permite a essas mulheres compreender melhor as desigualdades sociais. (FIGUEREDO, 2017, p. 5)

Hill Collins (2019a) aponta que há lugares institucionais que refletem a natureza dialética da opressão e do ativismo, nos quais as mulheres negras constroem suas autodefinições independentes. Estes espaços podem ser muito perigosos, porque expõem as insatisfações, inquietações e desestabilizam uma narrativa normatizadora. E em uma dimensão comunicativa baseada nas relações e trocas simbólicas, é fundamental considerarmos que “o ato de usar a própria voz requer um ouvinte, e assim se estabelece uma conexão” (HILL COLLINS, 2019a, p. 281).

Entendemos, então, que para seguirmos os fundamentos epistemológicos que sustentam essa proposta, a partir da perspectiva decolonial rompemos com um modelo metodológico sujeito-objeto, que privilegia o saber acadêmico, colocando-o no lugar de colonização do saber, e propomos uma pesquisa conforme Ortiz Ocaña e Arias López (2019) classificam como sujeito-sujeito, ou seja, a “*configurar una filosofía que se concentra en la relación sujeto-sujeto, es decir, entre un yo con otro yo.*” (p. 148)

---

Entendendo que é a partir das vozes das mulheres poetisas que este conhecimento se torna possível, acompanhamos as produções de duas poetisas atuantes no movimento Cordel sem Machismo: Julie Oliveira e Izabel Nascimento, Em entrevista, pudemos olhar para seus mundos, suas relações com a poesia, com outras mulheres e com outros modos de ser e estar no mundo. Como sugere Glória Anzaldúa,

Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. [...] Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. (ANZALDÚA, 2000, p. 232)

É também a partir desse diálogo próximo, construindo e aprofundando relações de confiança mútuas, que vem sendo possível atuar diretamente nas ações desenvolvidas pelas organizações, seja apoiando a realização dos eventos, mas também prestando consultorias teóricas e comunicacionais às ações desenvolvidas pelas poetisas.

## **AS MULHERES POETAS E SUA ATUAÇÃO NAS REDES SOCIAIS ONLINE**

A poesia de cordel é tradicionalmente reconhecida a partir dos folhetos. Entretanto, como discorrem Carvalho, Muller e Barbosa (2020), outras materialidades também aparecem como possíveis para o universo do cordel. Além da oralidade, já reconhecida como fundamental para esta poesia, temos os folhetos impressos, mas também os *e-books*, *audiobooks*, poesias que circulam pelo Whatsapp ou são apresentadas em postagens e *lives* do Instagram.

Com vários focos de movimentos de mulheres poetisas emergindo, politicamente articuladas a partir da cultura e em prol de uma sociedade mais justa e igualitária, pensar o cordel e suas transformações em um momento de isolamento social é de extrema importância para o reconhecimento de narrativas que extrapolam a historiografia oficial. O cordel, neste momento, convoca a utilização de diferentes suportes para sua permanência e visibilidade, para sua circulação e consumo, gerando mudanças conceituais a partir de suas materialidades e sentidos possíveis.

Dois poetisas atuantes nas redes sociais, mesmo antes do período da pandemia da Covid-19 em 2020 são Izabel Nascimento e Julie Oliveira. Ambas já utilizavam as redes sociais para divulgarem seus trabalhos, para relacionarem-se com outras pessoas do universo do cordel e para apresentarem-se em eventos como o Cordel de Quinta, organizado por Izabel Nascimento desde 2016. Julie começou a utilizá-las como meio de



---

divulgação de seu trabalho a partir de 2017, ao observar as potencialidades de alcance disponíveis nas redes.

Entendendo as redes sociais online como aliadas de suas produções, inclusive devido ao alcance possibilitado por elas, Izabel<sup>6</sup> e Julie<sup>7</sup> mantêm suas páginas pessoais no Instagram, onde também divulgam seus trabalhos, manifestam-se politicamente, divulgam eventos, postam conteúdos informativos sobre o cordel e outras formas de poesia, sobre outros trabalhos que elas realizam.

Nesse contexto, em meio ao isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19, as *lives* no Instagram apareceram como alternativa para encontros, debates, apresentações que não podiam acontecer ao vivo. Com elas, algumas perdas referentes à presença e contatos dos corpos, mas também há ganhos com relação ao alcance e visibilidade dos conteúdos disponibilizados em rede. E foi também nesse cenário, que tornou as redes sociais como um dos principais canais de troca, que Julie e Izabel intensificaram seus trabalhos online.

Mas é também nesses meios que estão alguns homens cordelistas vendo-se “ameaçados” por grupos de mulheres que saem do apagamento imposto a elas, capazes de apontar suas vulnerabilidades, e ainda que suas produções não são tão absolutas e universais quanto eles pretendiam. Esses mesmos homens se mobilizam para tentar deslegitimar as produções e reivindicações das mulheres poetas seja levantando *hashtags* agressivas ou entrando nas *lives* em que as mulheres são convidadas a falar para novamente agredirem-nas, silenciarem-nas.

No que se refere aos trabalhos e percepções das poetisas sobre os usos das redes sociais, Izabel Nascimento as compreende como grandes aliadas de suas produções. Segundo a poeta, as redes seriam ferramentas dos tempos atuais e que o cordel, para se manter vivo e vibrante, encontra outras formas de existir. Julie Oliveira destaca que as redes sociais têm ajudado a alcançar visibilidade para seus trabalhos. “É claro que, do ponto de vista técnico há limitações dos algoritmos, impedindo em certos momentos que o alcance se expanda para além das “bolhas”, apesar disso, é incomparável a capacidade de propagação de uma mensagem-texto” (OLIVEIRA, 2020, Entrevista).

Entretanto, Julie faz um paralelo com o tempo em que começou a escrever, por volta do ano de 2002. Segundo a poeta, nesse tempo, caso alguém quisesse publicar

---

<sup>6</sup> @izabel.cordel

<sup>7</sup> @julie.oliveras

folhetos precisaria ser aceito por uma editora ou ter dinheiro para imprimir suas próprias publicações. Ela destaca que essa era a única forma de alcançar os leitores, mas que atualmente, a lógica do mercado editorial foi invertida e o primeiro passo antes de ser publicado, é que se consiga público. Para isso, o lugar de construção de visibilidade são as redes sociais.

As redes teriam ampliado os modos de divulgação e as formas de publicação possíveis. Toda a divulgação do trabalho de Izabel, por exemplo, é feita *online*: ela posta em seu perfil alguns de seus versos, realiza e participa de eventos e considera inesgotáveis as possibilidades dessas atividades *online*. E dessa divulgação ela alcança públicos diversos, de localidades das mais variadas para os seus produtos impressos.

Esse alcance tem como uma das principais consequências identificadas pelas poetisas a afetação a um público que passa a conhecer melhor sobre a poesia de cordel, que se inspira a escrever. Izabel pontua um engajamento maior desde o início da pandemia, observando que seu público no Instagram chega a ter triplicado. Fundamentalmente, seu público é composto por estudantes, pessoas ligadas à literatura sendo, majoritariamente, mulheres.

Essa visibilidade tem rendido às duas poetisas mais convites para eventos e parcerias para escritas. Comercialmente, ambas observam um aumento de vendas e encomendas de folhetos, o que é uma consequência dos processos pedagógicos e didáticos que elas também desenvolvem em suas páginas, buscando uma valorização do cordel e um reconhecimento do trabalho intelectual que é realizado para a produção poética.

E foi também a partir desses trabalhos de integração realizados nas redes sociais que o movimento #CordelSemMachismo tornou-se possível. Primeiro, porque ele foi desencadeado como uma reação à violência sofrida por Izabel Nascimento em uma *live* com outros poetisas. Em seguida porque, como explica Julie:

O Movimento já nasceu digital. Pois, foi a partir de uma reunião online com mulheres de pelo menos 4 estados diferentes do país, que nos organizamos inicialmente, que definimos coletivamente uma série de diretrizes, como as *hashtags* a serem utilizadas, horários de postagem, e a confecção de uma Nota virtual de Repúdio. Posteriormente, dada a demanda de entrevistas, a procura das pessoas em geral, vimos a necessidade de criarmos uma conta específica no Instagram<sup>8</sup> como canal de centralização de nossas informações, referência visual, ideológica, e claro, para contatos. Portanto, vejo as redes como uma ferramenta importantíssima e aliada ao nosso movimento, assim como tem sido de diversos ativistas pelo mundo. São um modo de nos conectarmos com um número incontável de pessoas, de

---

<sup>8</sup> @cordelsemmachismo

---

descobrimos outras tantas e chegamos através dos recursos disponíveis ao público alvo de nossas ações. (OLIVEIRA, 2020, Entrevista)

Assim, segundo Izabel, o movimento só foi possível devido às conexões das redes sociais. Isso porque elas possibilitaram uma ampla visibilidade, alcançando mulheres diversas em um tempo muito curto<sup>9</sup>. Até essa data, a página @cordelsemmachismo no Instagram publicou as imagens de 86 mulheres poetisas levantando as *hashtags* #SomosMuitas e #CordelSemMachismo. Que publicaram nos seus próprios perfis, Izabel contabiliza mais de 100. Além das poetisas, outras mulheres como Maria da Penha, Adriana Negreiros e Monja Cohen aderiram ao movimento, postando imagens com os dizeres “Mulheres Cordelistas, continuem”.

Deste modo, o movimento evidencia que faltava uma organização política dessa dimensão entre as mulheres poetisas, de modo que elas pudessem se fortalecer como grupo, solidificar e difundir suas ideias. O Cordel Sem Machismo vem cumprindo essa função de coesão, de construção de pautas e reivindicações por um cordel mais respeitoso às imagens e às presenças das mulheres em seus espaços.

O movimento aponta para uma situação que não é inaugurada com a violência sofrida por Izabel. Desde Maria das Neves Batista Pimentel, identificada como a primeira mulher cordelista, que assinava pelo pseudônimo de seu marido Altino Alagoano, são recorrentes as opressões, os apagamentos e as diminuições dos trabalhos e dos valores das mulheres no cordel. Inclusive repercutindo numa tentativa de silenciamento do movimento sob o argumento de que não existe machismo no cordel, ou que o movimento segrega o grupo de poetisas.

Mas entendemos que ao não evidenciarmos as opressões e violências, estamos sendo coniventes com sua invisibilidade e impedindo trabalhos voltados para o entendimento dos conflitos. Quando apaziguamos as controvérsias, não podemos nos aprofundar no entendimento de suas causas e consequências. E isso, sim, seria prejudicial ao mundo mais plural que buscamos.

Nesse contexto, as redes sociais são entendidas aqui não apenas como o espaço que abriga a maior parte das ações do movimento (há também notas em jornais impressos e revistas), mas é também uma materialidade que conforma a sua existência. As ações são pensadas para esse meio, dialogando com os aspectos técnicos, das conexões, identificando e conhecendo bem os públicos e propondo engajamentos para a luta.

---

<sup>9</sup> No momento da escrita desse artigo, em outubro de 2020, o movimento tem dois meses e meio.

---

Deste modo, as mulheres poetas estão na vanguarda desse trajeto que nos encaminha para pensar um cordel que não precisa estar preso somente à materialidade dos folhetos impressos, mas que cresce em compreensão e em consumo quando aliado às estratégias comunicacionais possibilitadas pelos recursos *online*.

Como forma de resistência, as mulheres se organizam em grupos e coletivos e dão visibilidade às suas lutas utilizando o espaço da Internet. Por isso, essas transformações tecno-midiáticas são fundamentais nesses momentos de transição, em dimensões conceituais e políticas, entendendo que o presente não abandona o passado e está sobre ele construído, e tampouco despreza um devir da cultura anunciado pelos fenômenos contemporâneos. É por isso que o movimento #cordelsemmachismo se configura como produção de memórias do presente com vistas às transformações desse universo que precisa ser aberto para reconhecer os trabalhos das mulheres poetas de forma justa e respeitosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões levantadas neste texto, observamos uma importante relação do cordel com as materialidades comunicacionais disponíveis. Como um fenômeno poético cujos primeiros registros identificados estão baseados na oralidade, pensar na sua presença nas redes sociais *online* é fundamental para compreendermos suas transformações epistemológicas, conceituais e empíricas.

Tendo sido o cordel durante muito tempo um produto cultural fortemente vinculado a tradições que negavam suas mudanças e transformações, entendê-lo hoje a partir de suas dimensões materiais e políticas nos permite olhar para o fenômeno aberto, fluido, livre e considerarmos sua complexidade, muito mais do que aprisioná-lo em conceitos engessados e segregadores. Observá-lo em sua contemporaneidade nos possibilita compreender de que forma sua produção afeta e é afetada pelos contextos social, econômico e político, contribuindo para uma historiografia múltipla e diversa.

Ainda que no entendimento de alguns poetas o cordel precise ser impresso, com xilogravura na capa e, por sua vez, diferente da poesia oral, há um grande movimento de poetas que reconhece a importância das redes sociais para a divulgação, para o entendimento e para a organização social e política em torno desta poesia. Seja convocando outras terminologias para definirem essa presença, como a ideia do “cordel

online”, que demarca uma especificidade material; seja compreendendo que o cordel diz respeito a uma forma poética, cuja definição não é atribuída pelo meio em que circula.

Com o movimento #cordelsemmachismo, observamos um protagonismo das mulheres poetas na auto-organização política, em busca de uma transformação no universo do cordel, que indica uma abertura para novos caminhos possíveis. É também esse trabalho amplo e plural das mulheres poetas que possibilita mantermos o cordel vivo e pulsante, como fenômeno de tradições vivas e memórias diversas.

Deste modo, com as discussões aqui levantadas, apontamos para uma continuidade deste estudo a ser realizada com mais poetas cordelistas, de modo que possamos observar as manifestações contemporâneas em sua complexidade política, poética e material. Para tanto, outras questões referentes também às especificidades das ações desenvolvidas pelas poetas na Internet se abrem para efeitos de desenvolvimento desta pesquisa.

O que nos coube aqui foi iniciarmos um trabalho analítico pautado nas ações e nas vozes das mulheres poetas que, ao produzirem seus cordéis, agem politicamente e desenvolvem construções conceituais que rompem com estabilidades dos entendimentos e de uma história do cordel que não mais alcança os movimentos do presente.

## REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. **Ciudadanos remplazados por algoritimos**. Guadalajara: CALAS - Centro Maria Sibylla Merian, 2019.

\_\_\_\_\_. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 1997.

CARVALHO, Gislene. BARBOSA, Rafael. MULLER, Leandro. Crises como fraturas no tempo: O cordel e o mercado editorial. In: MAIA, Jussara et al. (orgs.) **Catástrofes e Crises do tempo**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2020 [No Prelo].

CARVALHO, Gislene. OLIVEIRA, Letícia. Feminismo negro na poesia de cordel de Jarid Arraes, In: SOARES, Juliana. COSTA, Vanessa. VIEIRO, Felipe. **Dar-se a ver: Textualidades, gêneros e sexualidades em estudos da Comunicação**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2018.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In.: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

---

FRANCO, David Silva; FERRAZ, Deise Luiza da Silva. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 17, n. SPE, p. 844-856, 2019.

FONSECA, Maria Gislene Carvalho. **Novelo de verso**: fios de memória, tradição e performance tecendo a poesia de cordel. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org). **Pensamento Feminista**: Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

LEMAIRE, Ria. **Cores do Atlântico**. Galícia: Pai Edicións, 2010.

\_\_\_\_\_. Do Cancioneiro das Donas às Cantigas D'amigo dos Trovadores Galego-Portugueses. **Fragmentum**, n. 49, p. 213-227, 2017.

\_\_\_\_\_. **Patrimônio e matrimônio**: proposta para uma nova historiografia da cultura ocidental. *Educar em Revista*, v. 34, n. 70, p. 17-33, 2018.

MELLO, Beliza Áurea. Nova História do Cordel: a hora e a vez das vozes femininas nos folhetos. IN.: PEREIRA DOS SANTOS, Francisca. **O Livro Delas**. [no prelo]

NASCIMENTO, Izabel. Entrevista a Maia Gislene Carvalho Fonseca, 2020. Online.

NASCIMENTO, João Bosco Dumont do; SANTOS, Francisca Pereira dos. A Literatura de Cordel Como Fonte de Informação: um Olhar Historiográfico e Conceitual. **Folha de Rosto**, v. 1, n. 1, p. 101-112, 2015.

ORTIZ OCAÑA, Alexander. ARIAS LÓPEZ, María Isabel. Hacer decolonial: desobedecer a la metodología de investigación. **Hallazgos**, 16(31), 147-166, Bogotá: Universidad Santo Tomás, 2019.

OLIVEIRA, Julie. Entrevista a Maia Gislene Carvalho Fonseca, 2020. Online.

PEREIRA DOS SANTOS, Francisca. **Cantadoras e repentistas do século XIX**: a construção de um território feminino. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, 2010, [Data de consulta: 25 de novembro de 2017] Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127099015>> ISSN 1518-0158

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales – Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires e Caracas: CLACSO y UNESCO, 2000.